

Firmas se preparam para intermediar conversão

Aylé-Salassié

Enquanto os partidos políticos se exaurem em longas discussões sobre a conveniência da conversão da dívida externa em investimentos em companhias nacionais ou estrangeiras instaladas no Brasil, várias empresas e bancos brasileiros já estão devidamente organizadores, com portfólios definidos, prontos para prestar serviços de consultoria nos projetos de investimentos ou para intermediar operações de conversão para os credores estrangeiros. A revelação é do **Journal of Commerce**, de Washington.

Uma dessas firmas é a Sayad, Reichstul e Luna Consultores Associados, uma sociedade que reúne o ex-ministro do Planejamento, João Sayad, o ex-secretário-geral Henri Philippe Reichstul e o ex-chefe da Assessoria Econômica, Francisco Vidal Luna. Eles planejam montar também um banco de investimento especializado em projetos para conversão de débitos dos pequenos bancos e investidores.

Mas essa é apenas uma das empresas que se preparam para operar a conversão da dívida. Segundo o **Journal of Commerce**, a

Brasilpar Serviços Financeiros, associada com o Unibanco, está organizando uma companhia de administração de um portfólio de investimentos e investidores no Brasil. Ramez Abou Rizk, da RR Administrações e Participações, prepara-se para intermediar uma operação de US\$ 500 milhões apenas com credores do Brasil localizados no Middle East norte-americano.

O Grupo Arbi, do Rio de Janeiro, está tão certo da transformação de parte da dívida brasileira em capital de risco de empresas nacionais, que investiu, por antecipação, US\$ 10 milhões num negócio de US\$ 250 milhões, a compra de ações da Atlantic Richfield's, para ser completado com recursos originários da dívida a ser convertida.

Se também não tivesse certeza da disposição do presidente José Sarney de tornar factível a operação, o ex-ministro João Sayad, que tem mantido contatos estreitos com o Presidente, já teria se decidido pela aceitação do cargo que lhe foi oferecido por Sarney, no exterior, tão logo deixou a Secretaria do Planejamento.

A espera

Essas empresas de consultoria, bancos de investimentos e seus



Ermirio de Moraes: Governo deve vender empresas deficitárias

clientes potenciais para transformação dos créditos financeiros em atividades produtivas aqui, e até mesmo empresas nacionais interessadas em absorver parte desses créditos, aguardam apenas a fixação das regras da conversão pelo Banco Central.

A circular 1.125 do BC, único instrumento de orientação dessas operações no momento, é excessivamente limitada, por se aplicar

praticamente a negócios que envolvem instituições financeiras, registradas no Banco Central, entre si. Não é adequada, portanto, à área empresarial.

De acordo com o diretor da Sayad, Reichstul, Luna Consultores, Henri Philippe Reichstul, há uma expectativa de várias definições: o montante do débito a ser convertido; o limite de aplicação, via Bolsas de Valores; se as

converções virão acompanhadas da exigência de dinheiro novo; e até se o Governo permitirá aporte aqui de capitais de origem incerta, sem submeter seus portadores a questionamentos embaraçosos.

Outro aspecto levantado por Reichstul junto aos seus clientes (os pequenos credores) é o de que não devem se apressar na realização dos investimentos, para não forçar o processo inflacionário, que poderia resultar em perdas quantitativas significativas.

Interesse

O que está ficando claro, ao longo da discussão da questão da conversão da dívida, externa em capital de risco de empresas nacionais, no Brasil, no México, na Argentina, no Chile, é que não só os bancos credores estão dispostos a participar de uma operação dessas, como algumas empresas multinacionais estariam vendo a oportunidade de fazer uso desses créditos — adquiridos no mercado com os deságios normais — para se instalar ou se expandir nos países de sua origem.

No Brasil, a área bancária, pela compra de cartas patentes até de bancos em processo de intervenção judicial ou liquidados, como o Maisonnave, estaria despertando muitos interesses. Os japoneses

acompanham as possibilidades de realização de investimento no setor automobilístico e na área da agricultura. Setores como a indústria de calçados, papel e celulose e outras ligados à produção voltada para a exportação atraem também muitos interesses, segundo revela o **Journal of Commerce**, de Washington.

Letargia

O vice-presidente do Banco de Tóquio no Brasil, Takanori Suzuki, tem dúvidas se a economia brasileira teria condições de absorver mais de US\$ 10 bilhões de dólares numa fase inicial de conversões de débitos. Contudo, o empresário paulista Antônio Ermirio de Moraes, do Grupo Votorantin, acredita na possibilidade de absorção em ações sem direito a voto só na área das empresas estatais, da ordem de US\$ 30 bilhões.

De acordo com o jornal norte-americano, o empresário paulista adverte, entretanto, para o fato de que, antes de definir uma política de conversão da dívida, é preciso que se criem mecanismos capazes de pressionar as empresas nacionais e seus dirigentes no sentido da eficiência, acelerando ainda "a letargia do programa governamental" de venda das suas companhias deficitárias.

ARQUIVO/23-4-86